



## FIGURAÇÕES DA MASCULINIDADE NO SÉCULO XIX: OS “LEÕES” BALZAQUIANOS E CAMILIANOS.

Ana Luísa Patrício Campos de Oliveira<sup>1</sup>

Como sabemos, Honoré de Balzac e Camilo Castelo Branco são autores fundamentais para uma compreensão aprofundada da literatura oitocentista elaborada em França e Portugal. Isto porque ambos os romancistas inauguram, em suas respectivas literaturas nacionais, a profissão das letras, decorrência imediata da ascensão política, econômica e artística da burguesia (Cf. HAUSER, 1973).

Com efeito, esses dois autores europeus são considerados os maiores expoentes, em França e Portugal, desse novo modelo artístico: Balzac e Camilo são os primeiros a experimentarem as mazelas e as benesses da carreira literária, deparando-se com a árdua empreitada de suprir os anseios romanescos do público burguês e do mercado editorial oitocentista. Por si só, esta coincidência já nos encaminha a uma comparação entre eles, uma equiparação muito recorrente na crítica portuguesa. Por exemplo, Silva Pereira, em seu *Universo Ilustrado*, de 1877, afirma: “Hoje temos o festejado romancista Camilo Castelo Branco, dito o nosso Balzac.” (PEREIRA apud CASTRO, 1960, p. 121).

Contudo, ao adentrarmos aos meandros de seus cânones romanescos, torna-se ainda mais inevitável essa comparação, visto que muito dos procedimentos e expedientes presentes na ficção balzaquiana também são facilmente detectados no cânone camiliano. As principais semelhanças que podemos evidenciar entre as literaturas aqui focadas são: a finalidade de retratar e de estudar, sistematicamente, o “homem em função de seu meio social” (CASTRO, 1960, p. 21), por meio da descrição e da análise das sociedades francesa e portuguesa oitocentistas, respectivamente; a constituição verossímil das personagens, “tipos” (CASTRO, 1960, p. 31) sociais que fazem possível o intuito de crítica social; o retorno das personagens em diferentes romances – procedimento que permite que elas sejam abordadas em diversas fases de suas trajetórias e em distintos contextos sociais (Cf. BUTOR, 1974); e semelhante estrutura narrativa – baseada na “localização da ação – apresentação das personagens – desenvolvimento da ação – desenlace” (CASTRO, 1960, 151).

No que concerne ao estudo de gênero, podemos ressaltar ainda mais uma similitude. Dentre as figurações da masculinidade presentes tanto na obra balzaquiana quanto na camiliana, existe uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na mesma universidade. E-mail: [isaludovica@ig.com.br](mailto:isaludovica@ig.com.br) ou [ana.luisa.oliveira@usp.br](mailto:ana.luisa.oliveira@usp.br).



representação assaz interessante: jovens rapazes que vivenciam, em toda sua complexidade, as contradições de seu tempo – o intenso século XIX pós Revoluções Industrial e Francesa. Com efeito, estes jovens encontram-se imersos neste século que traz em seu bojo as incoerências entre o mundo idealizado pelos adeptos do pensamento revolucionário, moderno e progressista e o mundo real, repleto de desigualdades, atraso e decadência social e moral.

Nesse sentido, encontramos nas literaturas aqui abordadas jovens personagens que possuem suas trajetórias marcadas por este componente intrínseco ao século XIX: o choque entre o mundo real e o ideal, a chamada “cisão fáustica”<sup>2</sup>. De fato, este conceito versa acerca do choque sofrido pela personagem Fausto, da obra homônima de Goethe, quando este, ao se apaixonar por Gretchen, depara-se com uma realidade muito aquém de suas expectativas, realidade da qual ele quer manter distância. A este respeito, afirma Rose Granja:

Ao vê-la [Gretchen], imediatamente, Fausto a deseja e com a ajuda de Mefistófeles seduz a jovem, oferecendo-lhe atenção e presentes. Fausto apaixonou-se, mas não hesita em abandoná-la grávida, ao perceber que ela e o mundo em que vivia não tinham lugar em seus planos [...].

O episódio de Gretchen [...] encena o choque entre dois mundos. Gretchen e os habitantes de sua cidadezinha são representantes de um mundo prestes a desaparecer: o mundo dos valores tradicionais cristãos, em que se deviam seguir regras e não questioná-las. Já o mundo que Fausto luta para criar - e por isso vendeu-se ao demônio - é o mundo moderno, em que não há mais lugar para a cultura medieval daquele povoado<sup>3</sup>.

Assim posto, propomo-nos, nesta análise, a abordar as trajetórias de duas personagens masculinas, uma balzaquiana e outra camiliana, com o intuito de apontarmos como ambas vivenciam, ainda que cada uma a seu modo e com suas especificidades, a denominada “cisão fáustica” por meio de relacionamentos amorosos que representam o choque entre dois mundos acima explicitado. Para tanto, realizaremos uma breve apreciação de dois romances, o balzaquiano *Eugénie Grandet* (1833) e o camiliano *Onde está a Felicidade?* (1856), focando, especificamente, nas trajetórias de dois “leões” existentes nas tramas: os jovens, belos, ricos e sedutores Charles Grandet e Guilherme do Amaral. Começemos pela obra balzaquiana.

*Eugénie Grandet* é um romance que gravita em torno de, fundamentalmente, três personagens: Félix Grandet, um avarento típico, sua ingênua e bondosa filha, Eugénie Grandet, e seu ambicioso sobrinho, o jovem sedutor Charles Grandet. No que concerne aos jovens primos, seu relacionamento se inicia quando o jovem mancebo parisiense chega à pequena cidade de Saumur devido ao suicídio de seu pai diante da falência. De fato, quando Charles chega a esta vilarejo

---

<sup>2</sup> Conceito criado pelo historiador Marshall Berman em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, de 1982, e explorado em função da literatura camiliana pela pesquisadora Rose Granja em sua tese de Doutorado intitulada *Brasileiros e Portugueses: todos fora do lugar – A imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana*, de 2009.

<sup>3</sup> GRANJA, Rose. *Brasileiros e Portugueses: todos fora do lugar – A imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana*, São Paulo: 2009, p. 68-69.



tradicionalmente cristão, seus modos parisienses chamam a atenção de toda a cidade, principalmente a de sua recatada prima Eugénie:

O sr. Charles Grandet, belo jovem de 22 anos, naquele momento contrastava estranhamente com os bons provincianos, em quem suas maneiras aristocráticas já causavam alguma revolta [...].

[...] Charles, que caía na província pela primeira vez, teve a idéia de mostrar com a superioridade de um jovem da moda, de abafar os circundantes com seu luxo, marcar época, importar as novidades da vida parisiense. [...]

[...] Em Tours, um cabeleireiro acabara de frisar novamente seus belos cabelos castanhos; trocara de roupa, pondo uma gravata de cetim preto, que combinava com uma gola redonda, de uma maneira que emoldurava agradavelmente seu rosto branco e sorridente. [...]

Eugénie, que desconhecía inteiramente aquele tipo de perfeição, tanto no vestuário quanto na pessoa, acreditava estar vendo, no primo, alguma criatura descida das regiões seráficas. Respirava deliciada os perfumes exalados por aquela cabeleira tão brilhante, tão graciosamente cacheada. Gostaria de poder tocar a pele branca daquelas luvas belas e finas. Invejava as mãos pequenas de Charles, sua tez, o frescor e a delicadeza de seus traços. Enfim, se uma imagem pode resumir as impressões que o jovem elegante causou numa moça ignorante, que passara a vida a consertar meias, a remendar o guarda-roupa do pai, a vida que se escoara debaixo daqueles painéis imundos, sem ver naquela rua silenciosa mais que um transeunte por hora, diremos que a imagem do primo fez nascer em seu coração as emoções [...]<sup>4</sup>.

Depois desta admiração inicial de Eugénie, a jovem decide ajudar financeiramente seu primo para que este consiga viajar às Índias e restabelecer sua fortuna: “Eugénie [estava pronta] para jogar o seu [ouro] num oceano de afeição. [...]” (DE BALZAC, 2006, p.137). E, quando a jovem entrega todas as suas economias a Charles, este se emociona e promete retornar das Índias novamente rico para se casar com a amada prima.

Ao ouvir as palavras que acabara de dizer ao primo, ela lhe dirigiu o primeiro olhar de mulher amante, um desses olhares em que a faceirice se iguala à profundidade; ele pegou-lhe a mão e beijou-a.

– Anjo de pureza! Só entre nós, certo?... O dinheiro nunca será nada. Só o sentimento, que lhe dá alguma utilidade, será tudo daqui por diante. [...]

[...] Eram almas que se haviam casado ardentemente talvez antes mesmo de terem experimentado a força do sentimento pelos quais ambos se uniam.

[...] – Você me ama?... – perguntou ela.

– Oh! Sim, muito! – respondeu num tom profundo que revelava igual profundidade de sentimento.

– Eu [te] espero, Charles! [...]<sup>5</sup>

Nesse sentido, percebemos que o jovem, inicialmente, parece não se dar conta, ou não se importar, com as diferenças de realidades que regem este relacionamento. Entretanto, quando Charles empreende sua viagem em busca de seu restabelecimento financeiro, ele compreende a distância que o separa de Eugénie. Isto porque, tanto ela, com sua personalidade simplória e desapegada, quanto a realidade provinciana que a circunda, não correspondem nem podem amparar o seu ímpeto progressista e ambicioso de riqueza, luxo, sedução, elegância, nobreza e convivência com os altos círculos sociais parisienses:

Charles tornou-se duro, ganancioso. Vendeu chineses, negros, ninhos de andorinhas, crianças, artistas; praticou a usura em grande estilo. O hábito de fraudar os direitos alfandegários tornou-o menos inescrupuloso quanto

<sup>4</sup> DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre: 2006, p. 52-56.

<sup>5</sup> DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre: 2006, p. 140-150.



aos direitos humanos. [...] Eugénie não ocupava seu coração nem seus pensamentos, ocupava um lugar em seus negócios, como credora de seis mil francos<sup>6</sup>.

E, em lugar da provinciana Eugénie, Charles, que retorna ainda mais sedutor e ambicioso de sua viagem aos trópicos,

[...] a estada nas Índias tornara Charles muito sedutor: sua tez se amorenara, suas maneiras se tornaram resolutas, ousadas, como as dos homens habituados a decidir, dominar, vencer. Charles respirava mais à vontade em Paris, ao ver que podia lá desempenhar algum papel.<sup>7</sup> [...]

decide casar-se com uma mulher aristocrata, alguém que sabe viver e portar-se na feira parisiense, o mundo do qual Charles faz parte e no qual deseja ascender socialmente com a “aquisição” matrimonial títulos de nobreza:

Charles ligou-se muito à sra. de Aubrion, que queria, justamente, ligar-se a ele. Várias pessoas chegam a afirmar que, durante a travessia, a bela sra. de Aubrion não desprezou meio algum de capturar genro tão rico. [...] ela prometera a Charles Grandet que obteria do bom Carlos X um decreto régio que autorizasse Grandet a usar o nome de Aubrion, a adotar brasões e a suceder a de Aubrion, mediante a constituição de um morgado de 36 mil libras de renda, no título de *capital* de Buch e marquês de Aubrion.<sup>8</sup>

Assim sendo, percebemos que a paixão nutrida por Charles Grandet por Eugénie não perdura, pois o choque entre seus mundos é muito acentuado. Charles, acostumado com o luxo e a elegância de Paris, quando se vê falido, parte para o mundo em busca de uma vida de sucesso financeiro para si: é alguém com espírito progressista e empreendedor, embora se valha de expedientes nada louváveis para atingir seus objetivos. Já Eugénie é uma jovem que, apesar de rica, não tem as mesmas aspirações que seu primo, é alguém que se acostumou à vida e aos hábitos provincianos e domésticos e não aspira viver de modo diferente: um casamento por amor é tudo o que falta para sua felicidade ser completa.

Em outras palavras, estamos diante de personagens que figuram mundos completamente distintos: um progressista e empreendedor e outro tradicional e estagnado. Realidades diversas que se atraem inicialmente, mas findam por se chocar e se repelir, configurando o choque entre dois mundos vivido pela personagem de Goethe, a denominada “cisão fáustica”. Todavia, uma vez visto como se dá o choque entre dois mundos na ficção balzaquiana, vejamos como a “cisão fáustica” se presentifica no cânone camiliano.

Em *Onde está a Felicidade?*, nos são narradas as venturas e desventuras do jovem casal Guilherme do Amaral e Augusta, ele um rico e culto proprietário de Beira Alta, sedutor incorrigível e excêntrico, e ela uma pobre e órfã costureira de suspensórios do Porto.

<sup>6</sup> DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre: 2006, p. 199

<sup>7</sup> DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre: 2006, p. 203.

<sup>8</sup> DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre: 2006, p. 201.



[...] [A mãe de Augusta] vivia pobre; mas era muito arranjadinha. Ela dobava seda, e a filha faz alças de homem a quatro vinténs a dúzia. O pai era carpinteiro, e levava muito bem sua vida; mas já lá está no reino da verdade. O que lhe valia a elas era não pagarem renda: a casinha era delas; mas agora, se não tiver quem lhe dê algum arranjo, a rapariga vende a casa<sup>9</sup>.

Logo no início do romance, Guilherme do Amaral, depois de ir a um baile da alta sociedade portuguesa, vaga sem destino pelas ruas do Porto até chegar à rua dos Armênios, em uma freguesia de arquitetura medieval chamada Miragaia, região que se assemelhava a uma “escavação duma rua de Pompéia, pela vista, e [...] [a um] aqueduto de despejos duma cidade, pelo cheiro” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 87). Nesse momento, Guilherme ouve uma voz feminina a chorar: a mãe de Augusta acabara de morrer.

Após auxiliar a jovem com o enterro da mãe, eles passam a se ver constantemente. A atração entre os dois aumenta paulatinamente e, depois de algum tempo, Augusta finda por ceder às investidas deste “leão” sedutor e, sobrepondo seus os princípios de honra e fé católica, torna-se amante de Guilherme. Entretanto, este relacionamento dura pouquíssimo. Alguns dias depois de montada uma casa no Candal, Guilherme já se sente entediado com a companhia da simplória concubina e volta a freqüentar a sociedade. Ele até tenta fazer com que Augusta, apesar não ter costume algum, o acompanhe, mas ela não suporta freqüentar teatros ou bailes, preferindo cuidar do lar e do bem estar de seu amante:

– São as primeiras horas de tristeza que sofro na sua companhia. Conheço que vivo só para ti, e nada do que e rodeia me pertence. Se amas o teatro, vem tu... não te prives de algum prazer; e, quando voltares a casa, encontrarás os meus braços amor e contentamento.<sup>10</sup>

Um amigo seu, o jornalista, tem uma teoria para fonte de seu desinteresse: “A costureira era uma mulher simples, com a cabeça, e o coração, e o estômago no seu lugar” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 168). Em outras palavras, Augusta é uma mulher de hábitos simples e inculta e isto, fatalmente, terminaria por “enjoar” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 169) Guilherme, um jovem rico da alta sociedade, acostumado com muitos bailes, leituras e debates intelectuais.

Assim sendo, como preconiza o jornalista, a pobre costureira finda por “enjoar” Guilherme e o jovem “leão” a abandona, mesmo grávida, e parte para a conquista de uma mulher que lhe figura mais compatível com seu mundo de riqueza, elegância e cultura, sua prima Leonor – filha de portugueses de posses que passou, praticamente, toda sua vida na Bélgica estudando nos melhores colégios de língua e cultura francesas. Em outros termos, o jovem de Beira Alta repele o mundo que Augusta representa, rompendo seu relacionamento com ela, e parte em busca de alguém que figura

<sup>9</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *Onde está a Felicidade?*. Lisboa: 1970. .p 91-92.

<sup>10</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *Onde está a Felicidade?*. Lisboa: 1970, p. 175.



a realidade com a qual ele deseja conviver, um meio de cultura, modernidade, intelectualidade de matriz francesa, centro de irradiação artística e cultural do período etc.

Nesse sentido, assim como vimos representado na literatura balzaquiana, neste romance camiliano, encontramos personagens que representam mundos distintos, um simples, doméstico e tradicional e outro luxuoso, elegante e cultural. Mais uma vez, estamos diante de mundos diferentes que, apesar de uma atração inicial, findam por se chocar e se repelir, configurando a experiência da chamada “cisão fáustica”.

De fato, podemos notar que se trata de duas personagens masculinas, dois jovens e sedutores “leões” oitocentistas, que se sentem atraídos por mulheres representantes de um mundo que está muito aquém de suas expectativas, realidades tradicionais e simplórias, que em nada remetem aos seus anseios de riqueza, elegância, cultura, modernidade e progresso. E, uma vez constatada a divergência atávica existente entre estes mundos, ou seja, uma vez vivenciada a “cisão fáustica”, só resta a eles romper o relacionamento estabelecido e partir em busca de uma experiência a dois que ampare seus anseios.

Assim posto, a partir deste estudo de gênero, podemos observar uma similitude ainda não ressaltada no que concerne ao cotejo entre as literaturas balzaquiana e camiliana, semelhança esta que contribui para o estudo comparativo entre ambas as obras e aponta um caminho deveras viável e ainda não trilhado nos estudos comparados destes legados romanescos.

### *Bibliografia*

BUTOR, Michel. *Repertório*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Onde está a Felicidade?*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda, 1970.

CASTRO, Aníbal Pinto de. *Balzac em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960.

DE BALZAC, Honoré. *Eugénie Grandet*. Porto Alegre, L&PM, 2006.

GRANJA, Rose. *Brasileiros e Portugueses: todos fora do lugar – A imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana*, São Paulo: 2009. (Tese de Doutorado)

HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1973. (vol. II)

PEREIRA, Silva. apud CASTRO, Aníbal Pinto de. *Balzac em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960.